

# HUMANISMO E CIÊNCIA

## Antiguidade e Renascimento

António Manuel Lopes Andrade  
Carlos de Miguel Mora  
João Manuel Nunes Torrão  
(Coords.)



Aveiro | Coimbra | São Paulo 2015

UA Editora - Universidade de Aveiro | Imprensa da Universidade de Coimbra | Annablume



Este volume resulta de várias iniciativas desenvolvidas no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), recolhendo contribuições de mais de duas dezenas de colaboradores, tanto de membros da equipa como de outros investigadores nacionais e estrangeiros. Entre os eventos que estiveram na origem deste livro destacam-se as três edições do Ciclo de Conferências promovido pelo projecto, realizadas entre 2010 e 2013, e sobretudo o Colóquio Internacional “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, que decorreu no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, nos dias 21 e 22 de Novembro de 2013.

O objectivo principal do projecto é a edição e tradução para português dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque... enarrationes* (Veneza, 1553), estando contemplada, também, a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do médico português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides; a jusante, a do livro intitulado *Apologia adversus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) de Pietro Andrea Mattioli.

OBRA PUBLICADA COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA DE:

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas  
da Universidade de Aveiro

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto  
Benveniste” da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa

# HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CARLOS DE MIGUEL MORA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO

2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNABLUME

# HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

## EDIÇÃO

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO  
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
ANNABLUME

## ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE  
CARLOS DE MIGUEL MORA  
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

## DESIGN DA CAPA MEIOKILO DESIGN STUDIO

DESIGN  
CARLOS COSTA

## IMPRESSÃO E ACABAMENTO

SERSILITO • MAIA

## ISBN

UA • 978-972-789-434-5  
IUC • 978-989-26-0940-9

## ISBN DIGITAL

UA • 978-972-789-435-2  
IUC • 978-989-26-0941-6

## DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0941-6>

## DEPÓSITO LEGAL 368241/13

TIRAGEM 500 Exemplares

## © 2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO  
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
ANNABLUME

## COMISSÃO CIENTÍFICA

António Manuel Lopes Andrade  
Carlos de Miguel Mora  
Delfim Ferreira Leão  
Henrique Leitão  
João Manuel Nunes Torrão  
Maria de Fátima Reis  
Maria do Céu Zambujo Fialho  
Miguel Ángel González Manjarrés

## TEXTOS

Adelino Cardoso  
Ana Leonor Pereira  
Ana Margarida Borges  
António Guimarães Pinto  
António Maria Martins Melo  
Bernardo Mota  
Carlos A. Martins de Jesus  
Carlos de Miguel Mora  
Cristina Santos Pinheiro  
Donald Beecher  
Emília Oliveira  
Isabel Malaquias  
James W. Nelson Novoa  
Joana Mestre Costa  
João Manuel Nunes Torrão  
João Rui Pita  
Jorge Paiva  
José Sílvio Moreira Fernandes  
Maria de Fátima Silva  
Miguel Ángel González Manjarrés  
Rui Manuel Loureiro  
Telmo Corujo dos Reis  
Teresa Nobre de Carvalho  
Vinícius B. Lupis  
Virgínia Soares Pereira

# HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CARLOS DE MIGUEL MORA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO

2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNABLUME

**OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA DE:**

**CENTRO DE LÍNGUAS,  
LITERATURAS E CULTURAS DA  
UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

**CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS  
"ALBERTO BENVENISTE"  
DA FACULDADE DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

 **ECH** CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
da Universidade de Coimbra



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	7
<b>1) HUMANISMO E CIÊNCIA</b> .....	11
1.1 “Teofrasto, <i>Tratado das plantas</i> . No alvor de uma nova ciência” .....	13
<i>Maria de Fátima Silva</i>	
1.2 “Francisco de Melo e os fragmentos de teoria óptica de Pierre Brissot” .....	21
<i>Bernardo Mota</i>	
1.3 “Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos <i>Colóquios dos simples</i> de Garcia de Orta” .....	37
<i>Rui Manuel Loureiro</i>	
1.4 “Estratégias, patronos e favores em <i>Colóquios dos Simples</i> de Garcia de Orta” .....	63
<i>Teresa Nobre de Carvalho</i>	
1.5 “As plantas na obra poética de Camões (épica e lírica)” .....	95
<i>Jorge Paiva</i>	
1.6 “Nicolás Monardes, John Frampton and the Medical Wonders of the New World” .....	141
<i>Donald Beecher</i>	
1.7 “Literatura e Medicina: alguns textos de Justo Lúpsio e de dois doutores Luís Nunes” .....	161
<i>António Guimarães Pinto</i>	
1.8 “Ontologias e idiosincrasias dos Amantes, à luz da <i>Archipathologia</i> de Filipe Montalto” .....	211
<i>Joana Mestre Costa &amp; Adelino Cardoso</i>	
1.9 “Gabriel da Fonseca. A New Christian doctor in Bernini’s Rome” .....	227
<i>James W. Nelson Novoa</i>	

<b>2) DIOSCÓRIDES E O HUMANISMO PORTUGUÊS: OS COMENTÁRIOS DE AMATO LUSITANO</b> .....	249
2.1 “Léxico científico português nos <i>Comentários</i> de Amato: antecedentes e receção” .....	251
<i>Ana Margarida Borges</i>	
2.2 “Usos medicinais das plantas, em Amato Lusitano: o bálsamo” .....	275
<i>António Maria Martins Melo</i>	
2.3 “Amato Lusitano e a importância da ilustração botânica no século XVI. Em torno das edições líonesas das <i>Enarrationes</i> (1558)” .....	303
<i>Carlos A. Martins de Jesus</i>	
2.4 “Sobre la identificación entre ébano y guayaco en una entrada del <i>Index Dioscoridis</i> de Amato Lusitano” .....	317
<i>Carlos de Miguel Mora</i>	
2.5 “Os partos distócicos em Amato Lusitano e em Rodrigo de Castro: fontes, doutrinas e terapias greco-romanas” .....	353
<i>Cristina Santos Pinheiro</i>	
2.6 “Do carvalho ao castanheiro: usos e propriedades medicinais de fagáceas nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano” .....	373
<i>Emília Oliveira</i>	
2.7 “O mundo mineral nos <i>Comentários</i> a Dioscórides de Amato Lusitano” .....	387
<i>Isabel Malaquias &amp; Virgínia Soares Pereira</i>	
2.8 “Alguns comentários de Amato: entre a estranheza e a realidade” .....	413
<i>João Manuel Nunes Torrão</i>	
2.9 “Caracterização e usos terapêuticos de produtos de origem marinha nos <i>Comentários</i> de Amato Lusitano a Dioscórides” .....	425
<i>José Sílvio Moreira Fernandes</i>	
2.10 “La mandrágora de Amato Lusitano: edición, traducción y anotación” .....	449
<i>Miguel Ángel González Manjarrés</i>	
2.11 “O vinho e os vinhos — usos e virtudes de um dom dos deuses nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano” .....	467
<i>Telmo Corujo dos Reis</i>	
2.12 “Amatus Lusitanus e Didaco Pirro: due ebrei portoghesi e cerchia umanistica di Dubrovnik” .....	481
<i>Vinicije B. Lupis</i>	
2.13 “Estudos contemporâneos sobre Amato Lusitano” .....	513
<i>João Rui Pita &amp; Ana Leonor Pereira</i>	



# Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos *Colóquios dos simples* de Garcia de Orta<sup>1</sup>

RUI MANUEL LOUREIRO<sup>2</sup>

## RESUMO:

Algures na cidade de Goa, na costa ocidental da Índia, num dia não especificado de meados do século XVI, dois europeus estão envolvidos em animada conversação a respeito de marfim e elefantes. Um deles é Garcia de Orta, o outro é Ruano, ambos médicos formados nas mesmas universidades espanholas. O animado debate é interrompido pela chegada de um lapidário milanês, o qual deseja falar com Orta, em relação à venda de algumas esmeraldas. Este curioso episódio, um dos muitos que se podem encontrar nas páginas dos *Colóquios dos simples e drogas medicinais da Índia*, publicados em Goa em 1563, levanta questões interessantes, que serão abordadas no presente texto, e nomeadamente: a larga rede de correspondentes e informadores que Orta convoca para participarem nos seus eruditos colóquios; a metodologia que utiliza para construir uma verdadeira enciclopédia sobre história natural asiática; o discreto mas persistente envolvimento do naturalista português em assuntos mercantis; e também a sua atitude em relação às pedras preciosas e à chamada medicina lapidária.

## PALAVRAS-CHAVE:

Garcia de Orta; *Colóquios dos Simples*; História Natural; Pedras Preciosas; Ásia; Século XVI.

---

1 O presente texto retoma um anterior escrito, em inglês, que preparei para *HOST – Journal of History of Science and Technology* (no prelo), pois considera-se oportuna a respectiva divulgação em língua e contexto distintos. Entretanto, aqui ficam os meus sinceros agradecimentos aos editores do presente volume, pelas pertinentes sugestões e pelas valiosas pistas bibliográficas.

2 Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes & Centro de História de Aquém e Além-Mar, FCSH — Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores: descobrimentos@gmail.com.

**ABSTRACT:**

Somewhere in the city of Goa, on the west coast of India, on an unspecified day in the middle of the sixteenth century, two Europeans are involved in a learned conversation about elephants and ivory. One of them is Garcia de Orta, the other is Ruano, both are physicians trained at the same Spanish universities. The lively discussion is interrupted by the arrival of a Milanese lapidary, who wishes to speak to Orta, concerning the sale of some precious stones. This curious episode, one of the many that can be found in the pages of the *Colóquios dos simples e drogas medicinais da Índia*, published in Goa in 1563, raises several interesting questions, which will be dealt with in the present text, and namely: the large network of informers that Orta brings into play throughout his learned colloquies; the methodology he uses to build a veritable encyclopedia of Asian natural history; the discreet but persistent involvement of the Portuguese naturalist in matters of merchandise; and also his attitude towards precious stones and the so-called lapidary medicine.

**KEYWORDS:**

Garcia de Orta; *Colóquios dos Simples*; Natural History; Precious Stones; Asia; Sixteenth Century.

Algures na cidade de Goa, na costa ocidental da Índia, num dia não especificado de meados do século XVI, dois europeus estão envolvidos em animada conversação a respeito de marfim e elefantes. Um deles é Garcia de Orta, famoso médico português treinado em Salamanca e Alcalá de Henares, e um residente de há muito na capital do Estado da Índia, onde praticou medicina durante muitos anos; o outro é Ruano, também graduado pelas mesmas universidades espanholas, e acabado de chegar à Índia com propósitos mercantis, a bordo da frota anual oriunda de Lisboa. O animado debate decorre na residência goesa de Orta, pouco antes do jantar, quando os dois médicos e conhecidos de longa data são interrompidos por uma serva, que entra para anunciar a chegada de um visitante bem-conhecido do dono da casa — “Está ahí micer André Milanés, o lapidairo” —, o qual deseja falar com Orta, em relação à venda de algumas pedras preciosas. Aparentemente, o médico lusitano estaria na posse de duas esmeraldas, uma grande, outra menor mas mais clara, e o mercador italiano teria encontrado um possível comprador para ambas as gemas. Garcia de Orta saúda o visitante, declara que está disposto a vender ambas as esmeraldas — “Tudo venderei, e volas darei ambas” — e imediatamente tira proveito da presença de Andrea para orientar a conversa novamente para o tema dos elefantes, pois sabe que o lapidário milanês possui informações relevantes sobre este tema, já que anteriormente visitara o Pegu (na actual Birmânia), onde teria testemunhado práticas de captura e domesticação destes paquidermes.<sup>3</sup>

Embora provavelmente baseada em eventos reais, a cena é totalmente fictícia, sendo descrita no capítulo ou colóquio 21 do celebrado tratado *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India*, escrito por Garcia de Orta e publicado pela primeira vez em Goa em 1563, por um impressor identificado na portada como “Ioannes de Endem”, nome que certamente corresponde a Johannes von Emden.<sup>4</sup> O livro em questão é bem conhecido dos especialistas, como o primeiro compêndio europeu moderno sobre história natural e matéria médica oriental a merecer as honras da tipografia. Depois de quase três décadas de vida e experiência indiana, o médico português decidira escrever e publicar um trabalho sobre, nas palavras do respectivo título, os “simples e drogas e cousas medicinais da India, e assi dalgumas frutas achadas nella, onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina pratica, e outras cousas boas pera saber”. Principalmente por razões de ordem pedagógica, Orta escolhera um formato de diálogo para

3 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, ed. Conde de FICALHO, 2 vols.. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1987, vol. 1, p. 311. Sobre o tema dos elefantes asiáticos existem numerosos estudos; ver Donald F. LACH, *Asia in the Making of Europe — Volume II: A Century of Wonder*, 3 tms.. Chicago, The University of Chicago Press, 1970-1977, tm. 1, pp. 124-158, e Gérard BUSQUET; Jean-Marie JAVRON, *Tombeau de l'éléphant d'Asie*. Paris, Chandeigne, 2002.

4 Nada de especial se consegue apurar sobre o impressor dos *Colóquios*, que se manteve activo em Goa entre 1561 e 1573, e que provavelmente era originário de Emden. Sobre esta cidade alemã, famosa pelas suas tipografias e por ser um refúgio de protestantes, ver Andrew PETTEGREE, *Emden and the Dutch Revolt: Exile and the Development of Reformed Protestantism*. Oxford, Oxford University Press, 1992.

o seu tratado, dividindo-o em conversas sucessivas entre dois personagens principais, ORTA e RUANO, dois colegas da profissão médica que haviam estudado juntos em Espanha, mas não se encontravam desde há longos anos: Orta assume o papel do expatriado veterano, possuidor de uma grande experiência prática da Ásia, complementada com um conhecimento teórico profundo das suas áreas de especialização, a história natural e a medicina; Ruano, por outro lado, é o conceituado académico, portador de uma sólida formação universitária europeia, muito bem informado em termos de erudição ocidental, mas totalmente inexperiente em assuntos orientais. Talvez Ruano possa ser visto como uma espécie de heterónimo de Garcia de Orta, criado para expressar alguns dos pontos de vista e perplexidades do autor numa fase mais jovem da sua vida, quando chegara pela primeira vez à Índia na década de 1530. Paralelamente a estes dois protagonistas, também um significativo grupo de várias dezenas de personagens menores toma parte nos eruditos colóquios goeses — a parte visível do universo social do autor da obra.<sup>5</sup> Mas os *Colóquios dos simples*, na realidade, e como bem é sabido, abrangem muito mais assuntos do que aqueles que o respectivo título anuncia, pois além de lidarem com plantas, drogas e práticas médicas, abordam de forma amiúde prolixa muitos outros temas relacionados com a vida quotidiana nas Índias, tais como práticas mercantis e rotas marítimas, costumes sociais e crenças religiosas, eventos políticos e sucessos diplomáticos, entre muitos e muitos outros.<sup>6</sup>

O episódio envolvendo o lapidário milanês, o primeiro, mas certamente não o único, nos *Colóquios dos simples* onde as pedras preciosas são mencionadas, imediatamente levanta várias questões relevantes.<sup>7</sup> Em primeiro lugar, trata-se de um exemplo paradigmático da metodologia utilizada por Garcia de Orta no seu vasto empreendimento literário e científico, já que ele recorre de forma sistemática a uma vasta rede de informadores muito competentes sempre que o assunto a ser discutido extravasa os seus conhecimentos e/ou as suas experiências concretas.<sup>8</sup> Andrea é apenas mais um informador, entre tantos outros, que possuía um saber especializado

5 Sobre o diálogo como um recurso literário típico da época, ver Consolación BARANDA LETURIO, "Formas del discurso científico en el Renacimiento: tratados y diálogos", *Sudia Aurea* 5 (2001), pp. 1-21.

6 Para recentes e estimulantes estudos sobre Orta e a sua obra, ver: Teresa Nobre de CARVALHO, "Colóquios dos Simples de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia", in Gabriela FRAGOSO; Anabela MENDES (orgs.), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 165-174; Palmira Fontes da COSTA, "Geographical expansion and the reconfiguration of medical authority: Garcia de Orta's *Colloquies on the Simples and Drugs of India* (1563)", *Studies in History and Philosophy of Science* 43 (2012), pp. 74-81; e Palmira Fontes da COSTA; Teresa Nobre de CARVALHO, "Between East and West: Garcia de Orta's *Colloquies* and the Circulation of Medical Knowledge in the Sixteenth Century", *Asclepio — Revista de Historia de Medicina y de la Ciencia* 65.1 (2013), pp. 1-13.

7 As referências a pedras preciosas na obra de Orta são sistematizadas em Carlos Fernando Torre de Assunção, "A Mineralogia nos *Colóquios*", *Garcia de Orta* 11.4 (1963), pp. 715-721.

8 Sobre a rede de informadores de Orta, ver Rui Manuel LOUREIRO, "Garcia de Orta e os *Colóquios dos simples*: Observações de um viajante sedentário", in Gabriela FRAGOSO; Anabela MENDES (orgs.), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt*, op. cit., pp. 135-145.

sobre alguma região oriental, ou sobre algum produto natural, ou sobre algum bem raro ou valioso, ou sobre algum costume exótico. No caso em apreço, o lapidário italiano era relevante para os propósitos de Orta pela sua familiaridade com Pegu, região asiática que visitara mais do que uma vez, com o objectivo de ali adquirir pedras preciosas. O reino do Pegu era famoso pelos seus rubis, que são mencionados já nos primeiros relatórios portugueses sobre a Ásia de inícios do século XVI, como os de Tomé Pires e de Duarte Barbosa. O primeiro escrevia em carta de 1516, dirigida e el-Rei Dom Manuel de Portugal, que os rubis mais apreciados vinham de uma mina situada em “Capelâguã”, localizada algures nos reinos de Arracão e de Pegu,<sup>9</sup> enquanto o segundo preparara no mesmo ano um relatório sobre as pedras preciosas orientais, confirmando que os melhores e mais valiosos “robis” eram oriundos de um reino chamado Pegu.<sup>10</sup> Ao longo da primeira metade do século XVI, muitos portugueses, bem como outros europeus que lhes estavam associados, e nomeadamente italianos, visitaram regularmente as cidades portuárias de Baçaim, Dagon e Martabão no Pegu, em busca destas mercadorias de luxo, que encontravam compradores interessados tanto na Índia como na Europa.<sup>11</sup>

Em segundo lugar, a referência ao lapidário Andrea é significativa porque, de repente, o leitor dos *Colóquios dos simples* toma consciência de que Garcia de Orta, além de ser um médico reputado e um notável botânico, era também um mercador, uma vez que traficava em pedras preciosas. As secções anteriores do seu tratado não tinham ainda revelado este facto, pois o naturalista português afirmara ser um apenas um ‘filósofo’, interessado principalmente em ‘assuntos sérios’, e de forma alguma um comerciante, preocupado com mercancia e mercadorias. Na verdade, no colóquio sobre o índigo, Orta afirmara explicitamente que “Anil nam he simple medicinal, senam mercadoria, e per isso nam ha que fallar nella”, ou seja, não haveria necessidade de abordar este produto no âmbito das suas eruditas conversas com Ruano.<sup>12</sup> Contudo, passagens incluídas em diversos diálogos subsequentes mostram claramente as intensas relações que Orta mantinha com o mundo mercantil asiático. Na discussão sobre o cardamomo, por exemplo, o médico português menciona “hum meu navio”, que havia sido enviado ao Ceilão, seguramente num empreendimento comercial, o que significa que Garcia de Orta possuía pelo menos uma embarcação mercante que navegava regularmente através dos mares asiáticos.<sup>13</sup> Noutra ocasião, o autor dos *Colóquios dos simples* alude novamente a “hum

9 Armando CORTESÃO, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1978, p. 456.

10 Duarte BARBOSA, *O Livro de Duarte Barbosa*, ed. Maria Augusta da Veiga e Sousa, 2 vols.. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996-2000, vol. 2, p. 476.

11 Sobre os primeiros contactos europeus com o Pegu, ver Donald F. LACH, *Asia in the Making of Europe — Volume I: The Century of Discovery*, 2 tms. Chicago & Londres, The University of Chicago Press, 1965, tm. 2, pp. 539-560.

12 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, pp. 86-87.

13 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, p. 181.

navio meu”, que desta feita tinha sido despachado para Bengala em viagem de negócios.<sup>14</sup> Os seus interesses comerciais eram certamente muito mais vastos, em termos de produtos, áreas geográficas e rotas mercantis, e parece evidente que Garcia de Orta fez uso de tais expedições comerciais para adquirir fornecimentos de produtos médicos que utilizava regularmente na sua prática clínica diária, bem como de amostras de produtos naturais raros ou incomuns, de que tinha ouvido falar e/ou que lhe despertavam a curiosidade. Contudo, as pedras preciosas eram certamente uma das mercadorias que mais lhe interessavam, não obstante a sua alegação, em outro diálogo, de que não estaria muito bem informado sobre os seus preços correntes.<sup>15</sup> No colóquio dedicado à “raiz da China”, Orta refere um episódio em que um dos seus pacientes lhe paga os serviços médicos com “hum anel com hum diamam”, que ele mais tarde veio a vender por “50 crusados”, outra prova de que era um homem de muitos ofícios.<sup>16</sup>

Nos alvares da era moderna, as pedras preciosas encontravam-se no rol dos produtos mais cobiçados no âmbito de negócios intercontinentais, já que para além de serem extremamente valiosas eram muito fáceis de transportar e/ou camuflar. As gemas eram artigos especialmente convenientes para empreendimentos comerciais de longa distância e os portugueses tinham estado muito atentos a esta mercadoria altamente valorizada desde os seus primeiros contactos com a Índia. O degredado que Vasco da Gama desembarcou à sua chegada ao porto indiano de Calecute anunciou que os portugueses vinham em busca de “cristãos e especiaria”,<sup>17</sup> mas bem poderia ter acrescentado ‘e pedras preciosas’. Na verdade, o conhecido relato da viagem de Vasco da Gama preparado por Álvaro Velho inclui um apêndice descrevendo “as coisas que em cada reino há e como valem”, onde as pedras preciosas são mencionadas, e nomeadamente os rubis, as espinelas e as safiras.<sup>18</sup> Nos anos seguintes, à medida que o chamado *Estado da Índia* começou a tomar forma, com o estabelecimento por toda a Ásia marítima de uma ampla rede de fortalezas e feitorias instaladas em lugares estratégicos, os observadores portugueses mostraram-se especialmente atentos a quaisquer mercadorias disponíveis que pudessem ser movimentadas com algum tipo de proveito. Estas incluíam, obviamente, uma grande variedade de pedras preciosas. Por volta de 1516, Duarte Barbosa, desde há muito residente na cidade de Cananor, no litoral ocidental da Índia, incluía na sua extensa relação geográfica da Ásia marítima um longo apêndice dedicado exclusivamente às pedras preciosas. O *Livro das cousas do Oriente* descrevia os aspectos mais notáveis de muitas regiões orientais que estavam a ser

---

14 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 375.

15 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, pp. 218-219: “E posto que há outras muytas especias destes rubins, delles vos nam quero falar, nem de seus preços, porque não sei isto muito bem sabido, scilicet, o dos preços”.

16 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, pp. 269-270.

17 José Manuel GARCIA (ed.), *Viagens dos Descobrimentos*. Lisboa, Editorial Presença, 1983, p. 183.

18 José Manuel GARCIA (ed.), *Viagens dos Descobrimentos*, op. cit., pp. 217-219.



contactadas pelos portugueses pela primeira vez, mas na pena do tratadista português as gemas recebiam um tratamento especial, devido à sua enorme relevância mercantil.<sup>19</sup> Goa, epicentro do Estado da Índia, muito em breve veio a tornar-se num dos mais importantes entrepostos mundiais do comércio de pedras preciosas.<sup>20</sup> E as frotas anuais da carreira da Índia passaram a transportar regularmente para Lisboa enormes quantidades de gemas orientais, muitas das quais eram depois encaminhadas para outros destinos europeus.<sup>21</sup>

Regressando à citada passagem dos *Colóquios dos simples*, esta levanta um terceiro problema, que respeita à verdadeira natureza das pedras mencionadas por Garcia de Orta: estaria o naturalista português a referir-se efectivamente a esmeraldas ou tratar-se-ia antes de outro tipo de gemas verdes, como peridotitos ou safiras? As referências a esmeraldas nos primeiros relatórios portugueses sobre a Ásia não abundam, e são um pouco confusas. Duarte Barbosa afirma que as verdadeiras esmeraldas eram originárias da “terra de Babilonia”, sem ser perfeitamente claro onde se situaria esta região, uma vez que este topónimo foi consistentemente usado pelos noticiários portugueses da época para identificar a zona de Bagdade, e nenhuma outra evidência aponta para a existência de minas de esmeraldas naquelas partes. Contudo, o já citado apêndice do *Livro das cousas do Oriente* explica que estas pedras eram “verdes e muito claras”, “mui leves e moles”, deixando uma marca da cor do cobre, e em Calecute custavam tão caro como os diamantes.<sup>22</sup> A descrição de Barbosa não se encaixa perfeitamente, uma vez que as esmeraldas deixam “um traço claro ou esbranquiçado”.<sup>23</sup> Na verdade, as esmeraldas eram bastante raras na Ásia no século XVI, pois não havia minas conhecidas, sendo apenas algumas gemas ocasionalmente encontradas em áreas dos actuais Afeganistão e Paquistão. Garcia de Orta, aliás, expressou-se de forma clara sobre este assunto, já que num dos seus colóquios refere que “esmeraldas há muito poucas, e de muito grande preço; e não se sabe a própria roca dellas”.<sup>24</sup> Ruano responde-lhe, lembrando um episódio — que aliás confirma o envolvimento de Orta no comércio de pedras preciosas — em que o médico português tinha sido desafiado

---

19 Duarte BARBOSA, *O Livro de Duarte Barbosa*, op. cit., vol. 2, pp. 473-503.

20 Para uma abordagem genérica, ver João Teles e CUNHA, “Hunting Riches: Goa’s Gem Trade in the Early Modern Age”, in Pius MALEKANDATHIL; T. Jamal MOHAMMED (orgs.), *The Portuguese, Indian Ocean and European Bridgeheads: Festschrift in Honour of Prof. K.S. Mathew*. Kannur, Institute for Research in Social Sciences and Humanities & Fundação Oriente, 2001, pp. 269-304.

21 Ver Donald F. LACH, *Asia in the Making of Europe — Volume II*, op. cit., tm. 1, pp. 113-122; e Nuno Vasallo e SILVA, *Subsídios para o estudo do comércio das pedras preciosas em Lisboa, no século XVI*. Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, 1989.

22 Duarte BARBOSA, *O Livro de Duarte Barbosa*, op. cit., vol. 2, p. 493.

23 Kris LANE, *Colour of Paradise: The Emerald in the Age of Gunpowder Empires*. New Haven & Londres, Yale University Press, 2010, p. 28.

24 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 219.

a comprar “huma joia, com muitas esmeraldas meudas”, mas recusara-se a fazê-lo, alegando que pensava estar diante de pedras falsificadas, feitas de vidro.<sup>25</sup>

A maioria das verdadeiras esmeraldas em circulação no século XVI era originária de Nueva Granada, nome atribuído pelos conquistadores espanhóis à actual Colômbia. Os exploradores espanhóis haviam encontrado as mais variadas pedras preciosas nas partes setentrionais da América do Sul, nas primeiras décadas do século XVI. Contudo, as minas de esmeraldas só foram identificadas por observadores europeus nas terras altas do leste da Colômbia no final da década de 1530. Logo de seguida, quantidades significativas destas pedras começaram a ser exportadas para a Europa, nomeadamente para Sevilha e Lisboa, e a partir dessas cidades ibéricas para os estabelecimentos portugueses na Ásia.<sup>26</sup> Gonzalo Fernández de Oviedo foi um dos primeiros a prestar informações sobre as esmeraldas colombianas, na sua *Historia General y Natural de las Indias*, partes da qual foram primeiro publicadas em Sevilha em 1535 e em Salamanca em 1547.<sup>27</sup> Durante a sua residência em Hispaniola, o cronista espanhol tinha-se cruzado com dois compatriotas veteranos que haviam estado em Nueva Granada, os quais, para além de lhe descreverem as minas, tinham-lhe mostrado um punhado de esmeraldas. O seu comentário é esclarecedor: “hasta nuestro tiempo nunca se supo haberse hallado tales piedras de nacimiento, por cristianos”, o que significa que González de Oviedo tinha noção de que os europeus estavam a confrontar-se com uma pedra preciosa até então desconhecida, ou muito pouco conhecida.<sup>28</sup> Daí a escassez de informações consignadas nos *Colóquios dos simples* sobre as esmeraldas; mas Garcia de Orta, sempre interessado em mostrar a sua consumada erudição, aproveitou a oportunidade para revelar amplas leituras sobre o assunto, citando uma série de autoridades. Esta, claro, era outra faceta relevante do seu método de trabalho, a interacção permanente que manteve com a bibliografia especializada do seu tempo sobre os assuntos ou temas que estavam a ser discutidos nos diferentes colóquios. Através dos *Colóquios dos simples*, uma rica rede intertextual foi sendo criada, incluindo dezenas e dezenas de obras impressas, na sua maioria relativas ao campo da história natural, mas também pertencendo a muitas outras áreas disciplinares.<sup>29</sup>

---

25 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 220.

26 Kris LANE, *Colour of Paradise*, op. cit., pp. 44-56.

27 A versão integral da crónica de Fernández de Oviedo só foi publicada no século XIX. Ver Francisco ESTEVE BARBA, *Historiografía Indiana*. Madrid, Gredos, 1992, pp. 72-81.

28 Gonzalo FERNÁNDEZ DE OVIEDO, *Historia General y Natural de las Indias*, ed. Juan PÉREZ DE TUDELA BUESO, 5 vols.. Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1992, vol. 3, p. 94.

29 Sobre a biblioteca de Orta, ver Conde de FICALHO, *Garcia de Orta e o seu tempo*, ed. Nuno de SAMPAYO. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983, pp. 281-305; e também Rui Manuel LOUREIRO, “European books and libraries in sixteenth century Portuguese India”, *RC — Review of Culture* 31 (1997), pp. 17-30.

Os nomes pelos quais as esmeraldas eram conhecidas foram o pretexto para Garcia de Orta citar nada menos que quatro autores: “Mesue” e o seu comentador “Cristoforo de Honestis”, “Serapio” e “Matheus Silvaticus”.<sup>30</sup> Nesta ocasião, o naturalista português estava a referir-se a autoridades médicas bem conhecidas dos seus contemporâneos. Cristoforo degli Onesti foi um médico italiano do século XIV, autor de um tratado sobre venenos que conheceu ampla circulação,<sup>31</sup> e que talvez Orta conhecesse; mas o autor dos *Colóquios dos simples* estava aqui a referir-se à *Expositio super Antidotario Mesue*, primeiro impressa em Bolonha em 1488, com muitas reimpressões posteriores, e nomeadamente nas edições das obras de Mesué Júnior tais como *Mesue cum expositione Mondini super canones universales ac etiam cum expositione Christophori de Honestis in antidotarium eiusdem* (Veneza, 1502). O Pseudo-Mesué, como também era conhecido, era um misterioso autor dos séculos VIII-IX, cujo verdadeiro nome, de acordo com o célebre Leão Africano, era Yuhanna ibn Masawayh.<sup>32</sup> Apesar de as suas obras terem sido amplamente lidas no século XVI, não se sabe muito sobre ele. “Serapio”, no presente contexto, parece referir-se ao Pseudo-Serapião, um autor árabe anónimo do século XIII, sobre o qual também pouco se conhece, e que escreveu *De simplicibus opus medicinalis*, tratado que foi repetidamente publicado no século XVI.<sup>33</sup> Quanto a Matteo Silvatico, foi um médico e botânico medieval, activo em Salerno, autor de uma famosa farmacopeia enciclopédia, o *Liber pandectarum medicinae*, também publicado amiúde ao longo do século XVI, e que Orta cita numerosas vezes nos seus *Colóquios dos simples*. Curiosamente, Silvatico refere-se em múltiplas ocasiões ao Pseudo-Serapião, mas é muito provável que o físico português conhecesse os autores e obras que cita.<sup>34</sup> De resto, todas as quatro autoridades referidas incluíam informações nos seus escritos sobre as propriedades curativas das pedras preciosas, incluindo as esmeraldas.

Este facto, assim, introduz a pergunta final sugerida pela passagem inicialmente citada dos *Colóquios dos simples*, a respeito da presença de referências a pedras preciosas num livro sobre matéria médica; mas talvez estejamos apenas perante uma questão de perspectiva histórica.

30 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 220.

31 Sobre este curioso livro, *De venenis*, ver Joël CHANDELIER, “Théorie et définition des poisons à la fin du Moyen Âge”, *Cahiers de recherches médiévales* 17 (2009), pp. 23-38.

32 A respeito da referência de Leão Africano a Mesué Júnior, ver Cyril ELGOOD, *A Medical History of Persia and the Eastern Caliphate*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010, pp. 93-95; sobre o autor granadino, ver Natalie Zemon DAVIS, *Trickster Travels: A Sixteenth Century Muslim Between Worlds*. Nova Iorque, Hill and Wang, 2006, pp. 183-184. Para uma edição recente da geografia de Leão Africano, ver Giovanni Battista RAMUSIO, *Navigazioni e Viaggi*, ed. Marica MILANESI, 6 vols.. Turim, Einaudi, 1978-1988, vol. 1, pp. 9-469.

33 Não deve ser confundido com o Serapião mais antigo, Yuhanna Ibn Sarabiyun, um quase contemporâneo de Mesué Júnior, sobre o qual se pode consultar P. E. PORMANN, “Yuhanna Ibn Sarabiyun: further studies into the transmission of his works”, *Arabic Science and Philosophy* 14.2 (2004), pp. 233-262; sobre Mesué, ver Raymond LE COZ, *Les médecins nestoriens au Moyen Âge: les maîtres des Arabes*. Paris, Éditions L’Harmattan, 2004, pp. 127-147.

34 Ver Conde de FICALHO, *Garcia de Orta*, op. cit., pp. 289-290.

As gemas, claro, são um produto da natureza e o respectivo estudo estava integrado de direito na história natural. Além disso, de um ponto de vista quinhentista, muitas pedras preciosas eram tradicionalmente investidas com uma variedade de propriedades medicinais — curativas, protectivas ou profilácticas —, sendo, portanto, assunto de legítimo interesse para qualquer praticante de medicina minimamente sério.<sup>35</sup> Os eruditos europeus do século XVI estavam decerto cientes da longa tradição de estudos mineralógicos, que remontava ao autor grego Teofrasto, supostamente o primeiro ocidental a tentar reunir e organizar informações sobre as propriedades das pedras preciosas, entre os séculos IV e III AEC.<sup>36</sup> Às esmeraldas, por exemplo, atribuía Teofrasto a propriedade de melhorarem a visão daqueles que as usavam como adorno.<sup>37</sup> Uma tradução latina da sua obra — *De lapidibus* — foi publicada pela primeira vez em Veneza nos últimos anos do século XV, com várias reedições posteriores. Apesar de Garcia de Orta provavelmente conhecer a tradução latina do tratado de Teofrasto *De historia et causis plantarum*, preparada no século XV pelo estudioso grego Teodoro Gaza e impressa pela primeira vez em 1476,<sup>38</sup> é duvidoso que conhecesse o tratado sobre pedras preciosas do mesmo autor.<sup>39</sup> Mas grande parte dos dados recolhidos por Teofrasto sobre pedras preciosas tinham sido compilados por Plínio-o-Velho, no século I, na sua *Naturalis Historia*, um trabalho enciclopédico que foi repetidamente impresso na Europa nos séculos XV e XVI, e foi amplamente lido pelos naturalistas quinhentistas. Garcia de Orta possuía pelo menos uma edição desta obra na sua biblioteca particular, a qual cita nos seus *Colóquios dos simples* página sim, página não, muitas

35 Ver Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, 8 vols.. Nova Iorque, Columbia University Press, 1923-1958, vol. 6, pp. 298-324.

36 Para uma história genérica das pedras preciosas e das crenças a elas associadas, ver as obras clássicas de George F. KUNZ, *The Curious Lore of Precious Stones*. Nova Iorque, Halcyon House, 1938, e Joan EVANS, *Magical Jewels of the Middle Ages and the Renaissance, particularly in England*. Oxford, Clarendon Press, 1922. Para abordagens mais recentes, ver: Nichola E. HARRIS, *The Idea of Lapidary Medicine: Its Circulation and Practical Applications in Medieval and Early Modern England, 1000-1750*, dissertação de doutoramento inédita. New Brunswick, New Jersey, The State University of New Jersey, 2009; Claude LECOUEUX, *Dictionnaire des pierres magiques et médicinales*. Paris, Éditions Imago, 2011; e também J. C. DUFFIN; R. T. J. MOODY; C. GARDNAER-THORPE (orgs.), *A History of Geology and Medicine*. Londres, The Geological Society of London, 2013, *passim*.

37 TEOPRASTO [Teophrastus], *On Stones*, ed. Earle R. CALEY; John F. C. RICHARDS. Columbus, Ohio, The Ohio State University, 1956, pp. 99-100.

38 Ver Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 327, onde "Teodoro Guaza" é mencionado. Para uma opinião contrária, ver Conde de FICALHO, *Garcia de Orta*, op. cit., p. 285 ("é mesmo duvidoso que o tivesse lido"). Sobre Gaza, ver Deno John GEANAKOPOLOS, *Constantinople and the West: Essays on the Late Byzantine (Palaeologan) and Italian Renaissances and the Byzantine and Roman Churches*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1989, pp. 68-90.

39 Sobre Teofrasto, ver Charles B. SCHMITT, "Theophrastus", in Paul O. KRISTELLER; F. Edward CRANZ (orgs.), *Catalogus translationum et commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin translations and commentaries — Volume II*. Washington D.C., The Catholic University of America Press, 1971, pp. 239-322; ver também Annibale MOTTANA, "Il pensiero di Teofrasto sui metalli secondo i frammenti delle sue opere e le testimonianze greche, latine, siríache ed arabe", *Rendiconti Lincei — Scienze Fisiche e Naturali* 9.12 (2001), pp. 133-241.

vezes com referências explícitas a determinados livros e capítulos. O material sobre pedras preciosas estava concentrado no livro 37 da enciclopédia de Plínio. Entretanto, o médico português, que frequentemente expressava a sua discordância em relação a Plínio a respeito de informações e/ou hipóteses relativas a assuntos asiáticos, também possuía as *Castigationes Pliniana*e publicadas por Ermolao Barbaro, com nada menos que cinco mil correções, bem como uma edição da *Naturalis Historia* anotada por este erudito veneziano do século xv.<sup>40</sup>

No colóquio “da pedra diamão”, em que Orta e Ruano discutiam diamantes, este último questionou o médico português, alegando que esta pedra preciosa “tem eminencia sobre todas, e loguo as perolas, e loguo as esmeraldas, e loguo os robins, se cremos a Plinio”.<sup>41</sup> A resposta de Orta foi um pouco enigmática, pois declarou que, embora as gemas mencionadas fossem certamente valiosas por serem raras e muito apreciadas como ornamentos, de um ponto de vista médico eram inúteis, ao contrário da “pedra de cevar, e a que estanca o sangue”, ambas portadoras de muito mais virtudes, amplamente experimentadas.<sup>42</sup> Tal significa que ele alimentava sérias reservas relativamente às supostas propriedades de algumas pedras preciosas: “quanto he á fisica, nam se costuma usar destes diamães”, por outras palavras, os diamantes não possuíam qualquer utilidade em termos médicos. Apesar desta posição, o físico português estava bem ciente de que alguns dos seus colegas indianos utilizavam amiúde injeções de diamantes moídos com o propósito de quebrar cálculos da vesícula.<sup>43</sup> Neste mesmo colóquio sobre os diamantes, entretanto, Garcia de Orta exibiu mais uma vez a sua erudição, trazendo para o debate diversas autoridades espanholas, a respeito dos nomes e das supostas propriedades desta pedra preciosa. Algumas dessas referências merecem menção especial.

Uma dessas autoridades era Andrés Laguna, um médico e filólogo que preparara uma tradução anotada espanhola do antigo tratado grego *De materia medica* de Pedânio Dioscórides, que foi publicada em Antuérpia em 1555, com muitas edições posteriores. Orta possuía uma edição da tradução de Laguna, que menciona repetidamente ao longo dos *Colóquios dos simples*.<sup>44</sup>

---

40 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 295: “nas Anotações de Plinio, diz Hermolao Barbaro”. Sobre Plínio, ver Trevor MURPHY, *Pliny the Elder’s Natural History: The Empire in the Encyclopedia*. Oxford, Oxford University Press, 2004; e sobre os comentários de Ermolao, ver Brian W. OGILVIE, *The Science of Describing: Natural History in Renaissance Europe*. Chicago & Londres, The University of Chicago Press, 2006, pp. 122-126.

41 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 195.

42 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 195.

43 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 196. O procedimento não parece ser muito consistente com os sistemas médicos indianos tradicionais, e nomeadamente com o Ayurveda. Ver Robert SIGALÉA, *La médecine traditionnelle de l’Inde*. Geneva, Olizane, 1995. Sobre a relação de Orta com o Ayurveda, ver Michael N. PEARSON, “Portuguese and Indian Medical Systems: Commonality and Superiority in the Early Modern Period”, *RC — Revista de Cultura / Review of Culture* 20 (2006), pp. 116-141.

44 Conde de FICALHO, *Garcia da Orta*, op. cit., p. 293. Sobre Laguna, ver Miguel Ángel GONZÁLEZ MANJARRÉS, *Andrés Laguna y el Humanismo Médico*. Salamanca, Junta de Castilla y León, 2000.

Mas tinha uma relação complicada com o seu colega espanhol. Por um lado, como anota Ruano num dos últimos colóquios, chama-lhe de forma consistente “Tordelaguna chamandose elle Andreas de Laguna”. A justificação do médico português foi bastante frouxa, pois limitou-se a alegar que em Alcalá de Henares conhecera boticário “que se chamava Tordelaguna”, o qual “sabia algum pouquo de arabio, e era grande ervolario”, e tinha-o confundido com o Andrés Laguna tradutor do Dioscórides. Ironicamente, Orta acrescentava que, tendo em conta os muitos erros encontrados na edição de Dioscórides preparada por Laguna, estava feliz por não se tratar da mesma pessoa, pois “Tordelaguna” tinha sido seu amigo na universidade e tinha-o em elevada conta.<sup>45</sup>

Andrés Laguna era mais novo que Garcia de Orta, mas poderiam ter-se cruzado durante os respectivos períodos de estudo.<sup>46</sup> Contudo, o português defende que nunca se haviam cruzado, nem em Salamanca, nem em qualquer outro lugar. Outra das referências de Ruano a Laguna, no colóquio sobre a pimenta, esclarece um pouco toda esta questão, pois regista-se a informação de que o tradutor e comentador espanhol de Dioscórides teria declarado nos seus escritos que os portugueses não estavam interessados em escrever sobre as Índias, pois “não tem mais cuidado que de robar e esfolar os Indios”.<sup>47</sup> Esta observação, seriamente crítica, e que de facto se encontra na primeira edição da obra de Laguna, onde ele critica duramente os portugueses pela sua falta de interesse em assuntos de história natural, seria suficiente para explicar a animosidade de Orta em relação a ele, e até mesmo, talvez, para justificar a própria existência dos *Colóquios dos simples* como uma patriótica resposta do naturalista português.<sup>48</sup> Dioscórides tinha escrito sobre as pedras preciosas e as suas virtudes, claro, e Laguna traduzira o texto original, acrescentando inúmeras anotações.<sup>49</sup> Mas, escusado será dizer, as observações de Andrés Laguna acerca dos diamantes foram totalmente descartadas pelo médico português, com base na sua experiência indiana: “Asi que dizem que os diamães sam venenosos he abusam, e cousa não scita per doutores autenticos”.<sup>50</sup>

---

45 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, pp. 378-379.

46 Ver Miguel Ángel GONZÁLEZ MANJARRÉS, *Andrés Laguna*, op. cit, p. 40.

47 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 248.

48 A anotação de Laguna relativa aos portugueses que regressavam da Índia, inserida no capítulo sobre a pimenta, era na verdade muito crítica: “como no sean nada curiosos de lo que conuiene al bien publico, ni à la cõmun disciplina, sino solamente de acumular dinero, y dessollar los Indios desuenturados, no se curan mucho de contemplar aquellas diuinas plantas, para darnos acà entera relation dellas” (Andrés LAGUNA, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la matéria medicinal, y de los venenos mortíferos*. Antuérpia, Juan Latio, 1555, p. 237).

49 Andrés LAGUNA, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo*, op. cit., liv. V, *passim*.

50 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, pp. 196-197. Mas Orta, nesta instância, parece ter trelido o texto de Laguna, pois a tradução espanhola de Dioscórides afirmava que os diamantes eram úteis *contra* os venenos; o tradutor espanhol declarava ainda ter tido conhecimento desta propriedade por intermédio de “Maestre Juan Portugues, medico excellentissimo”, que vivia em Roma (Andrés LAGUNA, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo*, op. cit., p. 577). Não consegui identificar este físico português. Tratar-se-ia de João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido como Amato Lusitano,



Por outro lado, as reservas de Orta relativamente a Laguna poderiam indiciar uma estratégia de afastamento premeditado em relação a um autor que era conhecido como cristão-novo, numa tentativa de evitar que sobre si próprio se desenvolvessem quaisquer suspeitas de ligações ao judaísmo. O físico português, é bem sabido, era ele próprio originário de uma família de conversos, pois os seus antepassados judeus tinham-se convertido ao cristianismo.<sup>51</sup> No período em que os *Colóquios dos simples* eram concluídos, em inícios da década de 1560, a Inquisição portuguesa acabava de instalar uma delegação em Goa, sobretudo com o propósito de reforçar a vigilância e a perseguição em relação à larga comunidade de cristão-novos que se havia estabelecido em diversos territórios dependentes do Estado da Índia.<sup>52</sup> Uma figura pública como Garcia de Orta, assim, deveria nos seus escritos destinados à impressão reforçar as suas precauções, nomeadamente em termos de declaradas simpatias para com outros colegas de ofício e de escrita que fossem ou pudessem ser suspeitos de ligações à religião judaica. De resto, esta lógica explicaria a quase total ausência de referências a Amato Lusitano, o físico cristão-novo que abandonara definitivamente Portugal em 1534 – precisamente o ano da partida de Orta para a Índia – e que publicara um alargado conjunto de obras de medicina em diferentes prelos europeus, cuja referência seria perfeitamente legítima numa obra como os *Colóquios dos simples*.<sup>53</sup>

Para além de Andrés Laguna, outro autor espanhol é citado nos *Colóquios dos simples* na discussão sobre os diamantes, quando Ruano menciona “hum coronista, chamado Francisco de Tamara”, que havia escrito que se encontravam diamantes no Peru.<sup>54</sup> Num colóquio anterior, este estudioso já havia sido mencionado, como “Francisquo de Tamara, no livro que fez

---

com quem Laguna se cruzou em Roma? Sobre este encontro, ver Miguel Ángel GONZÁLEZ MANJARRÉS; María Jesús PÉREZ IBÁÑEZ, “Andrés Laguna y Amato Lusitano, el desencuentro de dos humanistas médicos”, in Ferran GRAU CODINA et alii (eds.), *La Universitat de València i l’Humanisme: Studia Humanitatis i renovació cultural a Europa i al Nou Món*. València, Universitat de València, 2003, pp. 689-711. A respeito de Amato Lusitano, existe uma bibliografia imensa, que poderá ser consultada através da página electrónica do projecto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: Os Comentários de Amato Lusitano”, em <http://amatolusitano.web.ua.pt/> [consultado em 26-02-2014].

51 Sobre as origens judaicas de Garcia de Orta, ver Augusto da Silva CARVALHO, *Garcia d’Orta*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934; e I. S. RÉVAH, “La Famille de Garcia de Orta”, *Revista da Universidade de Coimbra* 19 (1960), pp. 407-420.

52 Sobre a Inquisição goesa, ver Ana Cannas da CUNHA, *A Inquisição no Estado da Índia: Origens (1539-1560)*. Lisboa, Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 1995; e também Ines G. ŽUPANOV, “‘The Wheel of Torments’: mobility and redemption in Portuguese colonial India”, in Stephen GREENBLATT et alii (orgs.), *Cultural Mobility: A Manifesto*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009, pp. 24-74. Sobre a problemática dos cristãos-novos no Estado da Índia, ver sobretudo José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Judeus e Cristãos-Novos de Cochim: História e Memória (1500-1662)*. Braga, Edições APPACDM, 2004.

53 Amato Lusitano é referido uma única vez na obra de Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, p. 210. Sobre as obras de Amato, ver João José Alves DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra – Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

54 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 201: “que ha diamães no Peru”.

dos Custumes”.<sup>55</sup> Na verdade, Orta estava a referir-se em ambos os casos ao tratado *Omnium gentium mores, leges et ritus*, de Johann Boemus, publicado em Augsburg em 1520, e que depois fora traduzido em várias línguas europeias.<sup>56</sup> O médico português conhecia bem a obra célebre, que tinha lido na tradução espanhola preparada por Francisco de Támara e publicada em Antuérpia em 1556, com o título de *El Libro de las Costumbres de todas las Gentes del Mundo*. O tradutor espanhol tinha incluído novos materiais na sua versão do livro de Boemus, descrevendo “todas las Indias y tierras nueuamente descubiertas por gente de España”.<sup>57</sup> Orta mostrou-se extremamente crítico em relação à versão de Támara, e o trabalho é sempre citado nos *Colóquios dos simples* em tom discordante. No presente caso, a sua resposta a Ruano foi directa, contradizendo sumariamente as histórias sobre minas de diamantes que eram vigiadas por cobras venenosas: “eu vi nesse autor que alegaes, muitas fabulas”.<sup>58</sup>

Um terceiro autor mencionado na discussão sobre diamantes é “hum frade dominico, chamado frei Domingos de Baltanas”, que tinha escrito que havia minas dessas pedras preciosas em Espanha.<sup>59</sup> Garcia de Orta referia-se a Domingo de Baltanás e ao seu *Compendio de algunas cosas notables de España*, publicado em Sevilha em 1558.<sup>60</sup> As suas dúvidas sobre as alegações do frade espanhol são expressas, mais uma vez, através de um procedimento metodológico regularmente utilizado ao longo dos *Colóquios dos simples*: a opinião ou informação de um determinado autor era registada, apenas para ser de imediato contestada. A referência a Baltanás (ou Valtanás, como também é conhecido) é bastante curiosa, já que o dominicano espanhol tinha sido recentemente aprisionado pela Inquisição em Sevilha, e fora a julgamento entre 1561 e 1563, sob várias acusações, nomeadamente de conduta imprópria em relação à sua

55 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, p. 213.

56 Sobre Boemus, ver a análise clássica de Margaret T. HODGEN, *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1971, pp. 111-161; e também Klaus A. VOGEL, “Cultural Variety in a Renaissance Perspective: Johannes Boemus and ‘The Manners, Laws and Customs of all People’ (1520)”, in Henriette BUGGE; Joan Pau RUBIÉS (orgs.), *Shifting Cultures: Interaction and Discourse in the Expansion of Europe*. Münster, LIT Verlag, 1995, pp. 17-34.

57 Francisco de TÁMARA, *El Libro de las Costumbres de todas las Gentes del Mundo*. Antuérpia, Martin Nucio, 1556, fl. 249. Sobre o tradutor espanhol, ver Victoria PINEDA, “El arte de traducir en el Renacimiento (La obra de Francisco de Támara)”, *Criticón* 73 (1998), pp. 23-35; e Hélène RABAEY, “Francisco de Támara: algunos aportes biográficos”, *Calamus Renascens* 3 (2002), pp. 249-254.

58 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 201. De facto, Támara não era o único responsável pela lenda acerca das serpentes que guardavam minas de diamantes, pois a história havia sido repetida por muitos autores antigos e medievais. Ver Berthold LAUFER, *The Diamond: A Study in Chinese and Hellenistic Folk-lore*. Chicago, Field Museum of Natural History, 1915.

59 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 201: “que ha roca de diamães em Espanha”.

60 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 201. Ver Domingo de BALTANÁS, *Compendio de algunas cosas notables de España y de la conquista y toma del reyno de Granada*. Sevilha, Martín de Montedoca, 1558, fl. vii. Sobre Baltanás, ver Gianclaudio CIVALE, “Domingo de Baltanás, monje solitante en la encrucijada religiosa andaluza: Confesión, Inquisición y Compañía de Jesús en la Sevilla del Siglo de Oro”, *Hispania Sacra* 59.119 (2007), pp. 197-241.

congregação feminina. Orta afirmava que havia conhecido Domingo de Baltanás em Espanha: “Eu conheci ese frade em Salamanca, segundo me parece, e tenhoo por bom religioso”.<sup>61</sup> Será que o médico português desconhecia os recentes problemas de Baltanás com o Santo Ofício? Talvez estivesse a tomar uma posição pública em favor do seu velho colega universitário, que, por sinal, era bem conhecido pelas suas posições de apoio aos *conversos* espanhóis.

Resumindo, o colóquio sobre a “pedra diamão”, de um ponto de vista estritamente informativo, é bastante inovador, uma vez que Garcia de Orta critica severamente uma série de noções errôneas que eram correntes na sua época, sobre a localização de minas de diamantes, a extração dessas pedras preciosas, e as supostas propriedades da gema.<sup>62</sup> Mas no início deste mesmo colóquio, Orta tinha mencionado as virtudes da “pedra de cevar”, à qual regressa nas páginas finais. Mais uma vez refuta uma das alegações de Laguna, aquela sobre a natureza venenosa da magnetite. O médico português explica que, muito contrariamente a esta opinião, os físicos indianos alegavam que a pedra de cevar, “comida em pouca quantidade os faz não emvelhecer”, e lembra a história do soberano cingalês que fazia cozinhar as suas refeições em panelas feitas deste material. A observação de Orta sobre esta alegada virtude da magnetite errava a pontaria, claro, mas mais uma vez ele era suficientemente cuidadoso para, como em outros casos duvidosos, invocar a opinião de terceiros. Neste caso, a sua fonte era um informador local, “Isac do Cairo”, o bem conhecido colaborador judeu das autoridades portuguesas do Estado da Índia, que havia sido encarregado de fornecer as referidas panelas, talvez ao rei Bhuvaneka Bâhu, que governou no reino de Kotte entre 1521 e 1551.<sup>63</sup> Ainda em relação à magnetite, os *Colóquios dos simples* mencionavam os escritos de um “filósofo pariente”, que não é identificado.<sup>64</sup> Talvez se tratasse de uma referência críptica ao médico francês Jean de la Ruelle, que é mencionado em outro lugar, no colóquio sobre o “Altiht”.<sup>65</sup> Johannes Ruellius, como também era conhecido, foi autor de várias obras de referência nos campos da medicina e da história natural, e designadamente *De medicinali materia*, uma tradução latina de Dioscórides publicada em Paris em 1516, com sucessivas reedições. Garcia de Orta possuía uma destas, bem como um exemplar de um outro dos tratados de Ruellius, *De natura stirpium libri tres*, publicado em 1536, também em Paris.<sup>66</sup> Em ambas as obras, contudo, as passagens relevantes sobre a pedra de cevar não concordam

61 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 201.

62 Ver a nota do Conde de Ficalho: Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, pp. 206-212.

63 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 204. Sobre esta interessante figura, ver José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, “Os Judeus e a Expansão Portuguesa na Índia no Século XVI. O Exemplo de Isaac do Cairo: Espião, ‘Língua’ e ‘Judeu de Cochim de Cima’”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian* 33 (1994), pp. 137-261.

64 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 205.

65 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, p. 85.

66 Sobre Jean de la Ruelle e as suas obras, ver Edward Lee GREEN, *Landmarks of Botanical History*, ed. Frank N. EGERTON. Stanford, California, Stanford University Press, 1983, pp. 598-657.

totalmente com a referência de Orta.<sup>67</sup> Assim, talvez ele se estivesse a referir a François de la Rue, também conhecido como Franciscus Rueus, que publicou o tratado *De gemmis* em Paris em 1547, o qual incluía um capítulo sobre a magnetite.<sup>68</sup>

As informações sobre as pedras preciosas, excluindo os diamantes, estão concentradas no colóquio que ostenta precisamente no seu título essa referência a “pedras preciosas”.<sup>69</sup> Neste lugar, com efeito, Orta discute os dados relevantes sobre as gemas valiosas às quais a erudição clássica e medieval tinha atribuído propriedades medicinais, nas palavras de Ruano, “pedras preciosas que entram nas composições e letuairos cordiaes”.<sup>70</sup> Nas linhas de abertura do colóquio, o médico português definiu os limites da temática a tratar, alegando que iria debruçar-se apenas sobre “pedras medicinaes e das que ha na Índia”, pois caso contrário a sua narrativa não teria fim.<sup>71</sup> Em primeiro lugar, tratou das safiras, descrevendo a pedra e identificando os seus locais de origem, sendo as de Ceilão e de Pegu consideradas mais valiosas; as safiras, na opinião do médico português, configuravam uma excelente mercadoria para levar de volta para a Europa, pois habitualmente atingiam preços elevados. De seguida, referem-se os jacintos e granadas, que abundavam na Índia, especialmente em Cambaia, e não eram gemas tão valiosas. Em terceiro lugar, surgem os rubis, explicando Orta que existiam “muitas especias”, uma das quais era o “carbunculus”. Respondendo a uma questão directa de Ruano, o naturalista de imediato descartou a ideia de que carbúnculos emitiriam luz durante a noite, classificando essas histórias como “ditos de velhas”.<sup>72</sup> Os rubis, de acordo com os *Colóquios dos simples*, apresentavam-se em diversas cores e outras tantas variedades, a maioria deles estando acessíveis a preços razoáveis nos portos indianos. Até ao momento, assim, os comentários de Orta parecem identificar-se com os de um qualquer mercador de gemas, e não com os de um médico interessado nas virtudes curativas das pedras preciosas.

---

67 Tendo presente a frase de Garcia de Orta, “Hum filosofo pariente [sic] diz, que a pedra de cevar move o ferro pera si, mediante a vertude que nelle emprimio, pera que se mova a ella” (*Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 205), outra hipótese mais rebuscada seria identificar este filósofo com Cristoforo da Recanati, alquimista italiano do século xv, também conhecido como Christophorus Parisiensis; mas as suas obras apenas terão circulado sob forma manuscrita. Sobre Recanati, ver Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 4, pp. 348-351.

68 Sobre Rueus, ver Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 6, pp. 303-306.

69 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, pp. 215-222 (ver notas de Ficalho, pp. 223-230).

70 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 215.

71 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 215. Para a localização de pedras preciosas na Índia, ver Arun Kumar BISWAS, “Gem-Minerals in Pre-Modern India”, *Indian Journal of History of Science* 29.3 (1994), pp. 389-420.

72 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 217.

A esmeralda é outra pedra preciosa presente neste colóquio, sendo, de acordo com a opinião de Ruano, classificada como a “milhor pedra e a mais nesseçaria”,<sup>73</sup> como foi anteriormente referido. Contudo, valerá a pena acrescentar aqui que o interlocutor de Garcia de Orta alegava que “as nossas esmeraldas do Perú, diz hum doutor moderno, que sam muyto más pera o uso da medecina”.<sup>74</sup> Estava a referir-se, possivelmente, a Andrés Laguna, que produziu um tal comentário a respeito das esmeraldas, nas suas anotações à matéria referente a safiras na tradução de Dioscórides.<sup>75</sup> Como de costume, a atitude de Orta para com a opinião de Laguna foi totalmente negativa. De imediato informou o seu colega Ruano que muitas dessas esmeraldas do Peru tinham chegado à Índia, sendo inicialmente consideradas muito valiosas; contudo, a opinião comum logo se havia alterado, e em breve as esmeraldas americanas seriam totalmente desvalorizadas e consideradas de inferior qualidade. Tendo em consideração que as esmeraldas do Novo Mundo eram na realidade excelentes, tanto em água como em cor, a opinião de Garcia de Orta é um pouco desconcertante. Todavia, a mesma informação aparece numa “Memoria das drogas e pedras preciosas”, manuscrito datado da década de 1560, e possivelmente escrito em Lisboa por um lapidário português.<sup>76</sup> De facto, o anónimo autor confirmava que muitas pessoas tinham adquirido essas esmeraldas que eram conhecidas como “do peru” e as tinham levado para a Índia como produto comercial, mas tinham-nas trazido de volta a Portugal como se fossem gemas orientais, para tentarem aumentar o seu valor, lucrando com a noção subjectiva, mas amplamente difundida, de que todas as pedras preciosas provenientes das Índias Orientais eram mais valiosas.<sup>77</sup>

O colóquio sobre “pedras preciosas” avança depois para as turquesas, com Ruano a questionar se esta pedra era usada em física. No que toca à medicina lapidária em geral, a resposta de Orta tornara-se já proverbial: “Alguns me dixeram que si, e outros que não”.<sup>78</sup> Ou seja, sempre que a conversa girava em torno de pedras preciosas e suas supostas virtudes na prática da medicina, o físico português, por via de regra, recusava-se a tomar uma posição clara, em alguns casos remetendo para os seus informadores, em outros ignorando abertamente o problema. O leitor atento dos *Colóquios dos simples* sentir-se-ia algo perdido quando tentasse descobrir a posição

---

73 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 219.

74 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 221.

75 Andrés LAGUNA, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo*, op. cit., p. 563. Ver José Luis FRESQUET FEBRER, “El uso de productos del reino mineral en la terapêutica del siglo xvi. El libro de los *Medicamentos simples* de Juan Frago (1581) y el *Antidotario* de Juan Calvo (1580)”, *Asclepio — Revista de Historia de Medicina y de la Ciencia* 51.1 (1999), pp. 55-92.

76 A “Memoria” conserva-se na Biblioteca Nacional de Portugal; foi publicada por Nuno Vassallo e SILVA, *Subsídios para o estudo do comércio das pedras preciosas*, op. cit., pp. 21-37.

77 Nuno Vassallo e SILVA, *Subsídios para o estudo do comércio das pedras preciosas*, op. cit., p. 32. Ver Kris LANE, *The Colour of Paradise*, op. cit., pp. 100-102.

78 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 221.

do respectivo autor sobre as reais virtudes das pedras preciosas. Nada era afirmado em termos concretos sobre as propriedades medicinais de safiras, jacintos, granadas, rubis, esmeraldas ou turquesas. E também nada era referido sobre as virtudes da “crisolita e da amatista, e do birilo [...] e da alaqueca, e do jaspé”,<sup>79</sup> apenas algumas noções eram avançadas sobre as origens das várias gemas, por vezes com referências às suas designações em diferentes idiomas. Valerá a pena mencionar uma curiosa nota sobre o jaspé, pois Garcia de Orta alegava que “pode ser que a pedra que está em Genoa, que dizem ser de esmeralda, seja desta pedra”.<sup>80</sup> O médico português estava a referir-se ao famoso *sacro catino*, que se conservava na catedral de San Lorenzo, em Génova, deduzindo correctamente que não era feito de esmeralda. Não é fácil descobrir como ouviu Orta falar do lendário cálice, que alguns afirmavam não ser outro senão o Santo Graal,<sup>81</sup> mas poderia ter lido alguma referência numa colecção de vidas de santos como o *Flos Sanctorum*, que foi traduzido para português e impresso em Lisboa em 1513.<sup>82</sup>

De resto, apenas duas excepções relativas às virtudes das pedras preciosas se encontram neste colóquio. Por um lado, os “olhos de gato” (crisoberilo), que de acordo com Orta os indianos afirmavam ter a “a propriedade de conservar ao homem nas riquezas que tem”.<sup>83</sup> Mais uma vez o médico português citava opiniões de terceiros, recusando-se a revelar a sua posição sobre o assunto. Por outro lado, a “alaqueca” ou cornalina, uma pedra que “tem a vertude mais crara que todallas outras, porque estanca o sangue mui de supito”, e que tinha sido previamente citada por Garcia de Orta na sua discussão sobre os diamantes.<sup>84</sup> Aparentemente, esta parece ser a única concessão directa do autor dos *Colóquios dos simples* relativamente à medicina lapidária: ele acreditava e testemunhava, com base na sua própria experiência, que as cornalinas eram eficientes para estancar o sangue. Todas as outras pedras preciosas, tanto quanto o naturalista português entendia, não tinham qualquer valor medicinal.

A recusa de Garcia de Orta em aceitar abertamente a atribuição de virtudes mágicas — por oposição a propriedades verificadas experimentalmente — às pedras preciosas poderia ser uma estratégia bem planeada para ultrapassar o olhar atento da Inquisição portuguesa, que, como referido, acabara de se estabelecer em Goa. Garcia de Orta tinha, afinal, raízes judaicas, o que o transformava em suspeito aos olhos do Santo Ofício. E antes da publicação, os *Colóquios dos simples* tinham de superar uma série de medidas legais, que incluíam a obtenção de uma

---

79 Garcia de ORTA, *Coloquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 221.

80 Garcia de ORTA, *Coloquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 221.

81 Sobre o *sacro catino*, ver Richard W. BARBER, *The Holy Grail: Imagination and Belief*. Londres, Penguin, 2004, pp. 168-169.

82 Ver Maria Clara de Almeida LUCAS (ed.), *Ho Flos Sanctorum en Lingoage: os Santos Extravagantes*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

83 Garcia de ORTA, *Coloquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 222.

84 Garcia de ORTA, *Coloquios dos simples*, op. cit., vol. 2, p. 222.



autorização de Aleixo Dias Falcão, “inquisidor nestas partes” da Índia, como o frontispício da edição goesa testemunha.<sup>85</sup> Tal motivo parece suficiente para justificar a cautela de Orta em relação às crenças sobre pedras preciosas e para explicar por que motivo os *Colóquios dos simples* evitam a todo o custo a temática da medicina lapidária. Esta estratégia de evitar temas sensíveis, de resto, explicaria a ausência de menções explícitas a um certo número de referências livrescas, num trabalho que, por outro lado, aproveitou todas as oportunidades para demonstrar que o seu autor possuía um profundo conhecimento da literatura médica do seu tempo. Garcia de Orta, curiosamente, não cita ou menciona qualquer um dos lapidários que corriam no seu tempo, um conjunto de obras que compilavam os conhecimentos disponíveis sobre pedras preciosas, juntamente com conselhos detalhados sobre a forma de as utilizar como meios de protecção ou curativos. Este rol de obras incluía, entre muitas outras: o *Speculum lapidum* do físico italiano Camillo Lunardi, publicado em Veneza em 1502; o *Libellus de lapidibus preciosis*, escrito no século XI por Marbode, bispo de Rennes, mas publicado pela primeira vez em Viena em 1511; o tratado *De natura fossilium*, do erudito alemão do século XVI Georg Bauer, também conhecido como Georgius Agricola, publicado em Basileia em 1546; ou o já citado *De gemmis* de François de la Rue.<sup>86</sup>

Os *Colóquios dos simples* incluem muitas outras referências a produtos naturais classificados por Garcia de Orta como ‘pedras’, e nomeadamente pedras-arménias, pedras-bezoar, pedras de coral, pedras de porco-espinho e pérolas.<sup>87</sup> A todas estas atribui o físico português virtudes

---

85 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, p. 1.

86 Sobre estes lapidários, ver, respectivamente: Carla DE BELLIS, “Astri, gemme e arti medico-magiche nello ‘Speculum lapidum’ di Camillo Leonardi”, in G. FORMICHETTI (org.), *Il mago, il cosmo, il teatro degli astir: Saggi sulla letteratura esoterica del Rinascimento*. Roma, Bulzoni, 1985, pp. 67-114; MARBODE DE RENNES, *Marbode of Rennes’ (1035-1123) De lapidibus*, ed. John M. RIDDLE; trad. C. W. KING. WIESBADEN, Steiner Verlag, 1977; Georgius AGRICOLA, *De natura fossilium (Textbook of Mineralogy)*, ed. Mark C. BANDY; Jean A. BANDY. Nova Iorque, The Geological Society of America, 1955; e Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 6, pp. 298-306. Outra ausência interessante nos *Colóquios dos simples* são as obras de António Luís, um médico baseado em Lisboa, onde publicou em 1540 o tratado *De occultis proprietatibus*, tratando de plantas, animais e minerais. Sobre este cristão-novo muito pouco estudado, que poderia ter coincidido brevemente com Orta em Salamanca, ver Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 5, pp. 550-552; e também Américo da Costa RAMALHO, “António Luís, corrector de Erasmo”, *Humanitas* 45 (1993), pp. 243-254. Ver ainda a recente tradução de uma das suas obras: António Luís, *Cinco Livros de Problemas*, ed. António Guimarães PINTO. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

87 A utilização por Orta de vários tipos de ‘pedras’ merecerá decerto uma investigação mais aprofundada. Alguns destes produtos foram já objecto de investigação. Ver Jorge Manuel dos Santos ALVES, “A pedra-bezoar — realidade e mito em torno de um antídoto (séculos XVI e XVII)”, in Jorge Manuel dos Santos ALVES; Claude GUILLOT; Roderich PTAK (orgs.), *Mirabilia Asiatica: Produtos raros no comércio marítimo / Produits rares dans le commerce maritime / Seltene Waren im Seehandel*. Wiesbaden, Harrasowitz Verlag & Fundação Oriente, 2003, pp. 121-134; Francesca TRIVELLATO, “From Livorno to Goa and Back: Merchant Networks and the Coral-Diamond Trade in the Early-Eighteenth Century”, *Portuguese Studies* 16 (2000), pp. 193-217; R. A. DONKIN, *Beyond Price — Pearls and Pearl-Fishing: Origins to the Age of Discoveries*. Filadélfia, American Philosophical Society, 1998; Peter BORSCHBERG, “O comércio,

medicinais, declarando tê-las usado regularmente na sua prática diária. Mas esta posição está em nítido contraste com o seu silêncio ou ambiguidade relativamente às verdadeiras gemas. Aparentemente, Orta não terá sido um grande apologista da utilização de pedras preciosas em curas médicas. O seu cepticismo é suficientemente interessante, e tem sido amiúde caracterizado como um sinal da sua ‘modernidade’ científica.<sup>88</sup> Talvez aqui o naturalista português estivesse a seguir o conselho de um de seus autores favoritos, Antonio Musa Brasavola, que tinha apresentado sérias reservas em relação aos poderes atribuídos às pedras preciosas e à respectiva utilização na farmacopeia.<sup>89</sup> Entre outras obras, o médico italiano publicou um *Examen omnium simplicium medicamentorum*, em Roma em 1536, no qual criticava abertamente os naturalistas antigos e medievais, alegando que o seu conhecimento das plantas e das substâncias naturais havia sido muito limitado.<sup>90</sup> O tratado de Brasavola fora escrito em forma de diálogo, e decerto que serviu de modelo a Garcia de Orta para os seus próprios *Colóquios dos simples*, nos quais cita repetidamente o autor italiano, que apresenta como homem “curioso e bem entendido”.<sup>91</sup>

A posição de Garcia de Orta sobre o uso de pedras preciosas em medicina parece ecoar a de Brasavola, pois enquanto aceita de modo implícito a sua inclusão na farmacopeia do médico praticante, descarta completamente todas as propriedades ocultas que por tradição lhes eram atribuídas.<sup>92</sup> Teria esta posição origem numa firme convicção, baseada em anos de aprendizagem e experiência como médico em Portugal e na Índia? Afinal, é dele a famosa tirada que refere que “se sabe mais em hum dia agora pellos Portuguezes, do que se sabia em 100 annos pellos Romanos”.<sup>93</sup> Mas talvez Garcia de Orta estivesse apenas a ser cauteloso, num contexto em que a Inquisição portuguesa e a sua delegação goesa monitorizavam de perto os cristãos-novos, ao mesmo tempo que, na esteira da Contra-Reforma, impunham severas limitações aos livros que indivíduos particulares podiam possuir e/ou ler.<sup>94</sup> O estudo metódico do mundo natural

---

uso e falsificação dos bezoares de porco-espinho na Época Moderna (c.1500-1750) / The Trade, Use and Forgery of Porcupine Bezoars in the early Modern Period (c.1500-1750)”, *Oriente* 14 (2006), pp. 60-78.

88 Ver, por exemplo, A. J. Andrade de GOUVEIA, *Garcia d’Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985, pp. 23-54.

89 Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 6, p. 303.

90 Sobre Antonio Brasavola, ver Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 5, pp. 445-471; e Edward Lee GREEN, *Landmarks of Botanical History*, op. cit., pp. 658-701.

91 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, p. 355. Ver Conde de FICALHO, *Garcia da Orta*, op. cit., p. 293: “Entre todos os auctores modernos, Antonio Musa era o seu predilecto”. Ver também Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 5, pp. 467-468.

92 Lynn THORNDIKE, *A History of Magic and Experimental Science*, op. cit., vol. 5, p. 455.

93 Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples*, op. cit., vol. 1, p. 210.

94 Sobre as actividades censórias da Inquisição no que respeita a livros, ver Henrique LEITÃO (org.), *O Livro Científico dos Séculos xv e xvi: Ciências Físico-Matemáticas na Biblioteca Nacional*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2004, pp. 45-51.

e do uso dos produtos da natureza na promoção do bem-estar humano eram áreas de actividade muito sensíveis, que poderiam cair sob o olhar atento de uma instituição cujo principal objectivo era garantir a salvaguarda da ortodoxia católica. Seja como for, parece perfeitamente claro que os *Colóquios dos simples* continuam a merecer novas investigações: a extensa rede intelectual que dá forma ao livro de Orta, composta por um enorme conjunto de escritores e suas obras, ainda necessita de estudos adicionais; os complexos métodos de trabalho do médico português ainda são insuficientemente conhecidos; e sua visão do mundo natural e de todos os seus produtos e seres aguarda esclarecimentos mais aprofundados.<sup>95</sup> O célebre Garcia de Orta, passados 450 anos sobre a publicação dos *Colóquios dos simples*, não revelou ainda todos os seus segredos, e nomeadamente os meandros de sua “identidade dividida” de cristão-novo,<sup>96</sup> que parece ter sido metodologicamente relevante no processo de produção de conhecimento científico do médico português.

## BIBLIOGRAFIA:

- AGRICOLA, Georgius, *De natura fossilium (Textbook of Mineralogy)*, ed. Mark C. BANDY; Jean A. BANDY. Nova Iorque, The Geological Society of America, 1955.
- ALVES, Jorge Manuel dos Santos, “A pedra-bezoar — realidade e mito em torno de um antídoto (séculos XVI e XVII)”, in Jorge Manuel dos Santos ALVES; Claude GUILLOT; Roderich PTAK (orgs.), *Mirabilia Asiatica: Produtos raros no comércio marítimo / Produits rares dans le commerce maritime / Seltene Waren im Seehandel*. Wiesbaden, Harrassowitz Verlag & Fundação Oriente, 2003, pp. 121-134.
- ASSUNÇÃO, Carlos Fernando Torre de, “A Mineralogia nos *Colóquios*”, *Garcia de Orta* 11.4 (1963), pp. 715-721.
- BALTANÁS, Domingo de, *Compendio de algunas cosas notables de España y de la conquista y toma del reyno de Granada*. Sevilha, Martín de Montesdoca, 1558.
- BARANDA LETURIO, Consolación, “Formas del discurso científico en el Renacimiento: tratados y diálogos”, *Sudia Aurea* 5 (2001), pp. 1-21.
- BARBER, Richard W., *The Holy Grail: Imagination and Belief*. Londres, Penguin, 2004.

---

95 Algumas destas questões foram abordadas de forma inovadora no recente trabalho de Teresa Nobre de CARVALHO, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente. Contribuição dos textos ibéricos quinhentistas para a construção de uma nova consciência europeia sobre a Ásia*, dissertação de doutoramento inédita. Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013.

96 Sobre este tópico extremamente relevante, ver Yirmiyahu YOVEL, *The Other Within: The Marranos, Split Identity and Emerging Modernity*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 2009. Ver também Walter J. FISCHER, “Garcia de Orta — A Militant Marrano in Portuguese India in the 16th Century”, in Saul LIBERMAN et alii (org.), *Salo Wittmayer Baron Jubilee Volume on the Occasion of His Eightieth Birthday*, 3 vols.. Jerusalem, American Academy for Jewish Research, 1974, vol. 1, pp. 407-432 (que não tive ocasião de consultar).

- BARBOSA, Duarte, *O Livro de Duarte Barbosa*, ed. Maria Augusta da Veiga e SOUSA, 2 vols.. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996-2000.
- BISWAS, Arun Kumar, “Gem-Minerals in Pre-Modern India”, *Indian Journal of History of Science* 29.3 (1994), pp. 389-420.
- BORSCHBERG, Peter, “O comércio, uso e falsificação dos bezoares de porco-espinho na Época Moderna (c.1500-1750) / The Trade, Use and Forgery of Porcupine Bezoars in the early Modern Period (c.1500-1750)”, *Oriente* 14 (2006), pp. 60-78.
- BUSQUET, Gérard; JAVRON, Jean-Marie, *Tombeau de l'éléphant d'Asie*. Paris, Chandeigne, 2002.
- CARVALHO, Augusto da Silva, *Garcia d'Orta*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934.
- CARVALHO, Teresa Nobre de, “Colóquios dos Simples de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia”, in Gabriela FRAGOSO; Anabela MENDES (orgs.), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 165-174.
- CARVALHO, Teresa Nobre de, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente. Contribuição dos textos ibéricos quincentistas para a construção de uma nova consciência europeia sobre a Ásia*, dissertação de doutoramento inédita. Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013.
- CHANDELIER, Joël, “Théorie et définition des poisons à la fin du Moyen Âge”, *Cahiers de recherches médiévales* 17 (2009), pp. 23-38.
- CIVALE, Gianclaudio, “Domingo de Baltanás, monje solicitante en la encrucijada religiosa andaluza: Confesión, Inquisición y Compañía de Jesús en la Sevilla del Siglo de Oro”, *Hispania Sacra* 59.119 (2007), pp. 197-241.
- CORTESÃO, Armando, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1978.
- COSTA, Palmira Fontes da, “Geographical expansion and the reconfiguration of medical authority: Garcia de Orta's *Colloquies on the Simples and Drugs of India* (1563)”, *Studies in History and Philosophy of Science* 43 (2012), pp. 74-81.
- COSTA, Palmira Fontes da; CARVALHO, Teresa Nobre de, “Between East and West: Garcia de Orta's *Colloquies* and the Circulation of Medical Knowledge in the Sixteenth Century”, *Asclepio — Revista de Historia de Medicina y de la Ciencia* 65.1 (2013), pp. 1-13.
- CUNHA, Ana Cannas da, *A Inquisição no Estado da Índia: Origens (1539-1560)*. Lisboa, Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 1995.
- CUNHA, João Teles e, “Hunting Riches: Goa's Gem Trade in the Early Modern Age”, in Pius MALEKANDATHIL; T. Jamal MOHAMMED (orgs.), *The Portuguese, Indian Ocean and European Bridgeheads: Festschrift in Honour of Prof. K.S. Mathew*. Kannur, Institute for Research in Social Sciences and Humanities & Fundação Oriente, 2001, pp. 269-304.
- DAVIS, Natalie Zemon, *Trickster Travels: A Sixteenth Century Muslim Between Worlds*. Nova Iorque, Hill and Wang, 2006.

- DE BELLIS, Carla, “Astri, gemme e arti medico-magiche nello ‘Speculum lapidum’ di Camillo Leonardi”, in G. FORMICETTI (org.), *Il mago, il cosmo, il teatro degli astir: Saggi sulla letteratura esoterica del Rinascimento*. Roma, Bulzoni, 1985, pp. 67-114.
- DIAS, João José Alves, *Amato Lusitano e a sua obra – Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.
- DONKIN, R. A., *Beyond Price — Pearls and Pearl-Fishing: Origins to the Age of Discoveries*. Filadélfia, American Philosophical Society, 1998.
- DUFFIN, J. C.; MOODY, R. T. J.; GARDNER-THORPE, C. (orgs.), *A History of Geology and Medicine*. Londres, The Geological Society of London, 2013.
- ELGOOD, Cyril, *A Medical History of Persia and the Eastern Caliphate*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.
- ESTEVE BARBA, Francisco, *Historiografía Indiana*. Madrid, Gredos, 1992.
- EVANS, Joan, *Magical Jewels of the Middle Ages and the Renaissance, particularly in England*. Oxford, Clarendon Press, 1922.
- FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo, *Historia General y Natural de las Indias*, ed. Juan PÉREZ DE TUDELA BUESO, 5 vols.. Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1992.
- FICALHO, Conde de, *Garcia de Orta e o seu tempo*, ed. Nuno de SAMPAYO. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983.
- FISCHEL, Walter J., “Garcia de Orta — A Militant Marrano in Portuguese India in the 16th Century”, in Saul LIBERMAN *et alii* (org.), *Saló Wittmayer Baron Jubilee Volume on the Occasion of His Eightieth Birthday*, 3 vols.. Jerusalem, American Academy for Jewish Research, 1974, vol. 1, pp. 407-432.
- FRESQUET FEBRER, José Luis, “El uso de productos del reino mineral en la terapéutica del siglo XVI. El libro de los *Medicamentos simples* de Juan Frago (1581) y el *Antidotario* de Juan Calvo (1580)”, *Asclepio — Revista de Historia de Medicina y de la Ciencia* 51.1 (1999), pp. 55-92.
- GARCIA, José Manuel (ed.), *Viagens dos Descobrimientos*. Lisboa, Editorial Presença, 1983.
- GEANAKOPOLOS, Deno John, *Constantinople and the West: Essays on the Late Byzantine (Palaeologan) and Italian Renaissances and the Byzantine and Roman Churches*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1989.
- GONZÁLEZ MANJARRÉS, Miguel Ángel, *Andrés Laguna y el Humanismo Médico*. Salamanca, Junta de Castilla y León, 2000.
- GONZÁLEZ MANJARRÉS, Miguel Ángel; PÉREZ IBÁÑEZ, María Jesús, “Andrés Laguna y Amato Lusitano, el desencuentro de dos humanistas médicos”, in Ferran GRAU CODINA *et alii* (eds.), *La Universitat de València i l’Humanisme: Studia Humanitatis i renovació cultural a Europa i al Nou Món*. València, Universitat de València, 2003, pp. 689-711.
- GOUVEIA, A. J. Andrade de, *Garcia d’Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.
- GREEN, Edward Lee, *Landmarks of Botanical History*, ed. Frank N. EGERTON. Stanford, California, Stanford University Press, 1983.

- HARRIS, Nichola E., *The Idea of Lapidary Medicine: Its Circulation and Practical Applications in Medieval and Early Modern England, 1000-1750*, dissertação de doutoramento inédita. New Brunswick, New Jersey, The State University of New Jersey, 2009.
- HODGEN, Margaret T., *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1971.
- KUNZ, George F., *The Curious Lore of Precious Stones*. Nova Iorque, Halcyon House, 1938.
- LACH, Donald F., *Asia in the Making of Europe — Volume I: The Century of Discovery*, 2 tms.. Chicago & Londres, The University of Chicago Press, 1965.
- LACH, Donald F., *Asia in the Making of Europe — Volume II: A Century of Wonder*, 3 tms.. Chicago, The University of Chicago Press, 1970-1977.
- LAGUNA, Andrés, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la matéria medicinal, y de los venenos mortíferos*. Antuérpia, Juan Latio, 1555.
- LANE, Kris, *Colour of Paradise: The Emerald in the Age of Gunpowder Empires*. New Haven & Londres, Yale University Press, 2010.
- LAUFER, Berthold, *The Diamond: A Study in Chinese and Hellenistic Folk-lore*. Chicago, Field Museum of Natural History, 1915.
- LE COZ, Raymond, *Les médecins nestoriens au Moyen Âge: les maîtres des Arabes*. Paris, Éditions L'Harmattan, 2004.
- LECOUTEUX, Claude, *Dictionnaire des pierres magiques et médicinales*. Paris, Éditions Imago, 2011.
- LEITÃO, Henrique (org.), *O Livro Científico dos Séculos xv e xvi: Ciências Físico-Matemáticas na Biblioteca Nacional*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2004.
- LOUREIRO, Rui Manuel, “European books and libraries in sixteenth century Portuguese India”, *RC — Review of Culture* 31 (1997), pp. 17-30.
- LOUREIRO, Rui Manuel, “Garcia de Orta e os *Colóquios dos simples*: Observações de um viajante sedentário”, in Gabriela FRAGOSO; Anabela MENDES (orgs.), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 135-145.
- LUCAS, Maria Clara de Almeida (ed.), *Ho Flos Sanctorum en Lingoage: os Santos Extravagantes*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.
- LUÍS, António, *Cinco Livros de Problemas*, ed. António Guimarães PINTO. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.
- MARBODE DE RENNES, *Marbode of Rennes' (1035-1123) De lapidibus*, ed. John M. RIDDLE; trad. C. W. KING. Wiesbaden, Steiner Verlag, 1977.
- MOTTANA, Annibale, “Il pensiero di Teofrasto sui metalli secondo i frammenti delle sue opere e le testimonianze greche, latine, siriane ed arabe”, *Rendiconti Lincei — Scienze Fisiche e Naturali* 9.12 (2001), pp. 133-241.
- MURPHY, Trevor, *Pliny the Elder's Natural History: The Empire in the Encyclopedia*. Oxford, Oxford University Press, 2004.



- OGILVIE, Brian W., *The Science of Describing: Natural History in Renaissance Europe*. Chicago & Londres, The University of Chicago Press, 2006.
- ORTA, Garcia de, *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, ed. Conde de FICALHO, 2 vols.. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1987.
- PEARSON, Michael N., “Portuguese and Indian Medical Systems: Commonality and Superiority in the Early Modern Period”, *RC — Revista de Cultura / Review of Culture* 20 (2006), pp. 116-141.
- PETTEGREE, Andrew, *Emden and the Dutch Revolt: Exile and the Development of Reformed Protestantism*. Oxford, Oxford University Press, 1992.
- PINEDA, Victoria, “El arte de traducir en el Renacimiento (La obra de Francisco de Támara)”, *Criticón* 73 (1998), pp. 23-35.
- PORMANN, P. E., “Yuhanna Ibn Sarabiyun: further studies into the transmission of his works”, *Arabic Science and Philosophy* 14.2 (2004), pp. 233-262.
- RABAEY, Hélène, “Francisco de Támara: algunos aportes biográficos”, *Calamus Renascens* 3 (2002), pp. 249-254.
- RAMALHO, Américo da Costa, “António Luís, corrector de Erasmo”, *Humanitas* 45 (1993), pp. 243-254.
- RAMUSIO, Giovanni Battista, *Navigazioni e Viaggi*, ed. Marica MILANESI, 6 vols.. Turim, Einaudi, 1978-1988.
- RÉVAH, I. S., “La Famille de Garcia de Orta”, *Revista da Universidade de Coimbra* 19 (1960), pp. 407-420.
- SCHMITT, Charles B., “Theophrastus”, in Paul O. KRISTELLER; F. Edward CRANZ (orgs.), *Catalogus translationum et commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin translations and commentaries — Volume II*. Washington D.C., The Catholic University of America Press, 1971, pp. 239-322.
- SIGALÉA, Robert, *La médecine traditionnelle de l’Inde*. Genebra, Olizane, 1995.
- SILVA, Nuno Vassallo e, *Subsídios para o estudo do comércio das pedras preciosas em Lisboa, no século XVI*. Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, 1989.
- TÁMARA, Francisco de, *El Libro de las Costumbres de todas las Gentes del Mundo*. Antuérpia, Martin Nucio, 1556.
- TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva, “Os Judeus e a Expansão Portuguesa na Índia no Século XVI. O Exemplo de Isaac do Cairo: Espião, ‘Língua’ e ‘Judeu de Cochim de Cima’”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian* 33 (1994), pp. 137-261.
- TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva, *Judeus e Cristãos-Novos de Cochim: História e Memória (1500-1662)*. Braga, Edições APPACDM, 2004.
- TEOFRASTO [Theophrastus], *On Stones*, ed. Earle R. CALEY; John F. C. RICHARDS. Columbus, Ohio, The Ohio State University, 1956.
- THORNDIKE, Lynn, *A History of Magic and Experimental Science*, 8 vols.. Nova Iorque, Columbia University Press, 1923-1958.
- TRIVELLATO, Francesca, “From Livorno to Goa and Back: Merchant Networks and the Coral-Diamond Trade in the Early-Eighteenth Century”, *Portuguese Studies* 16 (2000), pp. 193-217.
- VOGEL, Klaus A., “Cultural Variety in a Renaissance Perspective: Johannes Boemus and ‘The Manners, Laws and Customs of all People’ (1520)”, in Henriette BUGGE; Joan Pau RUBIÉS (orgs.), *Shifting Cultures: Interaction and Discourse in the Expansion of Europe*. Münster, LIT Verlag, 1995, pp. 17-34.

YOVEL, Yirmiyahu, *The Other Within: The Marranos, Split Identity and Emerging Modernity*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 2009.

ŽUPANOV, Ines G., “‘The Wheel of Torments’: mobility and redemption in Portuguese colonial India”, in Stephen GREENBLATT *et alii* (orgs.), *Cultural Mobility: A Manifesto*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009, pp. 24-74.

A partir dos alvares do século XVI, a matéria médica torna-se indiscutivelmente um tema de primeira grandeza entre os membros da República das Letras, objecto de estudo e de controvérsia entre os mais notáveis humanistas europeus, em particular entre os cultores da arte médica. Entre os autores em destaque neste volume encontram-se, à cabeça, os nomes de Amato Lusitano, Garcia de Orta e Nicolás Monardes, famosos pelos contributos valiosos que deram para o conhecimento do mundo natural. O volume encontra-se dividido em duas partes: a primeira, subordinada ao título “Humanismo e Ciência”, alberga os estudos que versam sobre todos os autores estudados, à excepção de Amato Lusitano; a segunda está reservada a um conjunto de trabalhos dedicados exclusivamente ao médico albicastrense, cuja autoria se fica a dever, em boa parte, aos membros da equipa do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, tomando, por isso, o seu próprio título. Nesta segunda parte, oferece-se, desde já, aos leitores uma amostra significativa do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto e que culminará, assim se espera, na edição e tradução integral para língua portuguesa das quatro obras previstas de Dioscórides, Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli.





## HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

O projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” constituiu-se como o ponto de partida de uma reflexão alargada sobre as relações entre Humanismo e Ciência, percebidas a partir do diálogo fecundo entre dois tempos tão próximos quão afastados: Antiguidade e Renascimento. Naturalmente, a matéria médica representa o eixo central em torno do qual gravita a maioria dos estudos deste volume, cujas ramificações se estendem a múltiplos saberes no domínio da Botânica, Farmácia, Geologia, História, Lexicografia, Literatura, Matemática, Medicina ou Zoologia.

Os humanistas que desde os finais do século XV editaram, comentaram e traduziram o tratado de Dioscórides estão na origem de um processo acelerado de (re)conhecimento do mundo natural, ancorado no método filológico e nos resultados carreados pela observação e pela experimentação de uma realidade tantas vezes nova e completamente desconhecida. Neste movimento de largo espectro, tomaram parte alguns dos autores em destaque neste volume, seja através do estudo da própria matéria médica e/ou da medicina (Amato Lusitano, Filipe Montalto, Gabriel da Fonseca, Garcia de Orta, John Frampton, Luís Nunes de Santarém, Nicolás Monardes, Rodrigo de Castro), seja através do culto da poesia (Camões, Diogo Pires, Luís Nunes), seja através da matemática (Pierre Brissot, Francisco de Melo).



universidade de aveiro  
theoria poesis praxis

• U



• C



**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL  
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional